

OCUPAÇÕES NO MOINHOS DE VENTO: HISTÓRIAS DE UM BAIRRO DE PORTO ALEGRE NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

MOINHOS DE VENTOS'S OCCUPATIONS: STORIES OF A PORTO ALEGRE NEIGHBORHOOD IN THE FIRST 20TH CENTURY

Ana Helena Dreissig¹

RESUMO

O Bairro Moinhos de Vento está localizado próximo à zona central da cidade de Porto Alegre, por onde se deu o primeiro ponto de ocupação territorial desta cidade, que hoje configura uma metrópole. O antigo chapadão, que fica no coração do bairro, por muitos anos acomodou as dependências do Prado Independência, instalado ali até meados do século XX, onde hoje se localiza o Parque Moinhos de Vento. Neste trabalho são analisados os equipamentos urbanos que o bairro recebeu, especificamente entre os anos 1900 e 1950, buscando entender quais seriam as outras ocupações que o bairro recebia paralelamente ao hipódromo, bem como compreender o perfil socioeconômico das famílias que escolheram o Moinhos de Vento para habitar e as razões que levaram estas classes a se interessar pelo local. A prática do turfe foi, sem dúvida o maior chamariz de pessoas para o bairro durante as décadas estudadas, além dos moradores que na época se dividiam em descendentes dos açorianos, colonos alemães e fazendeiros descendentes da elite portuguesa, as novas classes médias oriundas da fase de industrialização e também as classes mais baixas se tornaram público para as corridas de cavalo. Embora frequentado por uma maior diversidade de classes em meados do século XX, o bairro ainda era visto como o berço da aristocracia porto-alegrense. Durante o período estudado o bairro recebeu melhorias provenientes das necessidades que vieram com a verticalização acentuada, ocasionando a gentrificação desta área e ainda a saída dos maiores equipamentos urbanos que a mesma já recebeu. O Moinhos passa a simbolizar a tradição de pioneirismo, onde se estabelece a comercialização do produto ou serviço inédito, e aquele que está ingressando no mercado acaba por se destinar a um público de maior poder aquisitivo. Sem dúvida, o local conta com uma variedade de equipamentos urbanos, construções e perfis de moradores em função de ter recebido vários públicos de culturas distintas durante a primeira metade do século XX. Embora todos estes colonizadores tenham em comum o alto poder aquisitivo, seus costumes, gostos e interesses diferenciados

1 Arquiteta e Urbanista Graduada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), com experiência nas áreas de Arquitetura de Interiores, Edificações, Design Gráfico e Planejamento Urbano. Especialista em Construção Civil pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) Mestra em Planejamento Urbano e Regional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

trouxeram ao bairro a diversidade urbana que este traz consigo até os dias atuais.

Palavras-chave: História da cidade. História de Porto Alegre. Moinhos de Vento. Evolução Urbana. Urbanização.

ABSTRACT

The Moinhos de Vento neighborhood is located near the central area in the city of Porto Alegre, where the first territorial occupation of this city occurred, which today constitutes a metropolis. The old meadow, which is in the heart of the neighborhood, for many years accommodated the facilities of Prado Independência, installed there until the middle of the twentieth century, where today is located the Moinhos de Vento Park. This paper analyzes the urban facilities that the neighborhood received, specifically between the years 1900 and 1950, trying to understand what other occupations the neighborhood would receive alongside the hippodrome, as well as to understand the socioeconomic profile of the families that chose Moinhos de Vento for dwelling and the reasons that led these classes to be interested in the place. The practice of turf was undoubtedly the biggest attraction of people to the neighborhood during the decades studied, besides the residents who at that time were divided by descendants of the Azorean, German settlers and farmers descended from the Portuguese elite, the new middle classes coming from the phase of industrialization as well as the lower classes became able to bet for horse racing. Although frequented by a greater diversity of classes in the mid-twentieth century, the neighborhood was still seen as the main spot of the Porto Alegre aristocracy. During the period studied the neighborhood received improvements from the needs that came with the vertical construction, causing the gentrification of this area and the departure of the largest urban equipment that the zone has ever received. The Moinhos de Vento symbolizes the tradition of pioneering, where is established the commercialization of the unprecedented products or service, and the one that is entering the market ends up destined to a public of greater purchasing power. Undoubtedly, the place has a variety of urban amenities, buildings and profiles of residents because it received various audiences of different cultures during the first half of the twentieth century. Although all these colonizers have in common the high purchasing power, their different customs, tastes and interests brought to the neighborhood the urban diversity that it brings with it until today.

Keywords: History of the city. Porto Alegre's History. Moinhos de Vento. Urban evolution. Urbanization.

INTRODUÇÃO

O Bairro Moinhos de Vento tem uma história bastante peculiar em relação à história da cidade de Porto Alegre como um todo. Seu mais vasto terreno acomodava o Prado Independência até meados do século XX, onde hoje se localiza o Parque Moinhos de Vento. O primeiro ponto a ser aqui abordado é a existência dos Prados em Porto Alegre na época de seu auge, o qual acontece na virada do século XIX para o XX. Seguindo da análise de quais seriam as outras ocupações que o bairro recebia paralelamente ao hipódromo, buscando também entender o perfil socioeconômico das famí-

lias que escolheram o Moinhos de Vento para morar ao longo das décadas.

A prática do turfe foi a atividade que mais fomentou a vitalidade do Bairro Moinhos de Vento durante a primeira metade do século XX, deixando vago um terreno de valioso espaço, onde posteriormente veio a ser instalado um dos mais eficientes equipamentos urbanos que Porto Alegre possui em sua atualidade: o Parque Moinhos de Vento, mais conhecido como Parcão. Além da hípica, outros equipamentos de grandes dimensões estiveram instalados nas terras do Moinhos durante as primeiras décadas dos anos 1900, entre eles, o que seria o primeiro estádio de futebol da cidade: a baixada do Grêmio, que por ali permaneceu até ser transferida para outra zona durante a década de 1940.

Açorianos, colonos alemães e fazendeiros descendentes da elite portuguesa, foram as populações que se instalaram em maior número, bem como fizeram no bairro as mais expressivas construções, em sua maioria palacetes residenciais unifamiliares onde trabalhavam muitos empregados. Estes grupos sociais tinham em comum o alto poder aquisitivo, e por sua vez, tornaram o bairro visto como um local de elite, chamado por diversos autores de “aristocrático”.

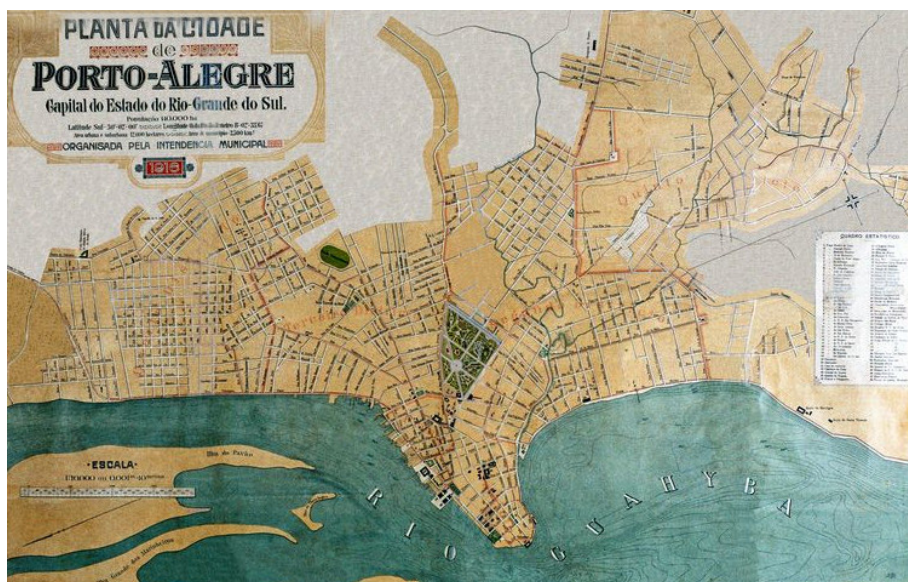
Neste trabalho, apresenta-se a diversidade de ocupações que o Bairro recebeu, bem como a sua evolução urbana e sua inserção como bairro no contexto da cidade, trabalhando em um recorte temporal que compreende as décadas onde possivelmente ocorreu a maior expansão territorial que Porto Alegre teve em toda a sua história. O período envolve a verticalização acentuada que vinha se expandindo desde o centro histórico, as modificações que ocasionaram a gentrificação do local e ainda a saída dos maiores equipamentos urbanos que ali passaram a ser considerados inconvenientes por questões urbanas e sanitárias.

1 EQUIPAMENTOS URBANOS DO BAIRRO MOINHOS NO SÉCULO XX

1.1 O turfe e o futebol

O turfe já estava presente no Rio Grande do Sul como desporto desde os anos 1850, porém, aos finais da década de 1890 é que a prática da hípica atinge seu auge, quando Porto Alegre chega a ter quatro prados em atividade. Durante os anos 1900 e 1910 o Brasil enfrentava uma fase de enfraquecimento da prática do turfe, o que ocasionou o encerramento das atividades dos demais prados, concentrando as ocupações do esporte no único hipódromo remanescente, o Prado Independência – localizado no Bairro Moinhos de Vento.

Figura 1 - Planta Baixa da Cidade de Porto Alegre, 1916.
Primeira planta geral encontrada após o surgimento dos prados
constando apenas um hipódromo, o do Prado Independência.
Colorido posteriormente por edição digital.



Fonte: CD-ROM “Porto Alegre - Um Século em Fotografia”, Editora da ULBRA 1997-2007 por Ronaldo Marcos Bastos.

Os alemães, que já habitavam a região, instalaram ali duas de suas especialidades, as sociedades recreativas e as esportivas. Em 1903, homens de ascendência germânica haviam fundado o Grêmio Football Porto-Alegrense no Centro da cidade. No ano seguinte, eles tomaram um empréstimo no banco alemão e compraram um terreno de aproximadamente três hectares no “Bosque dos Moinhos de Vento”, onde foi construído o primeiro campo do Grêmio (BISSÓN, 2009, p. 25).

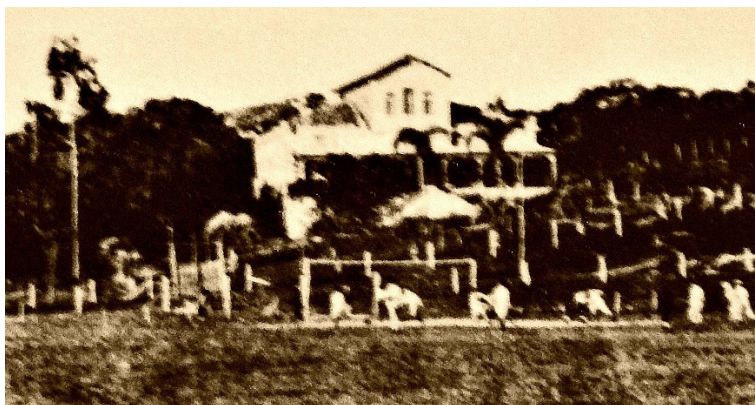
Posteriormente denominado de Estádio da Baixada, havia apenas um pequeno corte para as pessoas assistirem aos jogos. Como o interesse pelo futebol ainda era escasso, a Baixada dos Moinhos de Vento ali permaneceu até o ano de 1954, contribuindo para o crescimento da região. A baixada do Grêmio, também assim chamada, era onde se encontrava a área do “Estádio”, localizada na vizinhança do Prado Velho.

Figura 2 - Construção do Estádio da Baixada do Grêmio, 1904.



Fonte: Blog Grêmio Esportivo Olímpico, matéria sobre a Baixada Alví-Grená, publicado em 22 de Junho de 2010. Acessado pela autora em agosto de 2019.

Figura 3 - Baixada e Clube dos Atiradores, 1904.



Fonte: Blog Grêmio Esportivo Olímpico, matéria sobre a Baixada Alví-Grená, publicado em 22 de Junho de 2010. Acessado pela autora em agosto de 2019.

Já com a sede do clube de futebol como vizinho, em 7 de setembro de 1907 foi fundada a Associação Protetora do Turfe e o terreno localizado no chapadão, que daria origem ao Hipódromo dos Moinhos de Vento, foi comprado de Hemetério Mostardeiro, pelo homem que mais trabalhou em prol do Prado Independência em seus primeiros anos, o Coronel Pedro Antônio Caminha. Assumindo a presidência da Associação Protetora do Turfe num momento de crise dessa atividade, o Coronel Caminha dirigiu a

entidade com disciplina e eficiências militares, segundo Bissón (BISSÓN, 2009, p. 22), criando a mais importante e duradoura disputa turfística do estado – o Grande Prêmio Bento Gonçalves - e dando incentivo às exposições de potros. Foi em sua gestão do clube, durante um de seus quatro mandatos consecutivos, que foram instaladas construções de madeira na travessa curvilínea que contorna a face leste do parque – e o comendador criava seus cavalos em um terreno ao lado, com entrada pela Rua 24 de Outubro. Assim se originou a rua que posteriormente foi batizada com o nome Comendador Caminha – posto que o grande gestor da hípica atingira após o de Coronel -, esta travessa era justamente aquela em frente à linha de chegada dos páreos.

Após a morte do Comendador Caminha, no ano de 1914, o turfe assumiu um novo modelo de gerenciamento, trazendo a consolidação definitiva do esporte e o nome da nova gerência: Associação Protetora do Turfe, permaneceu até dezembro de 1944, com a vinda do Jockey Club para o estado. Segundo Villaça (VILLAÇA, 2001, p. 321), o Jockey Club já estava no Brasil desde 1869, quando foi fundado no Rio de Janeiro.

1.2 Novas instalações arquitetônicas

Além das numerosas instalações que o bairro recebia, em sua maioria dentro das tendências higienistas que o urbanismo brasileiro havia absorvido nas primeiras décadas do século XX o requintado bairro recebia outros equipamentos importantes, como os reservatórios do Moinhos de Vento, cuja obra havia iniciado ainda no século anterior, pela Hidráulica Guahybense. O local foi adquirido pela prefeitura em 1904 e já chamado pela população de “caixa d’água”, quando a autoridade máxima da cidade começou a modernizar o abastecimento de água da região.

Figura 4 - Herma em homenagem ao Coronel Caminha. Fotografia de parte do livro Jockey Club: Histórias de Porto Alegre com ilustração do busto em Homenagem ao Coronel Caminha, que posteriormente foi levado para as novas dependências do Jockey Club no Cristal.



Fonte: Fotografia da autora sobre o livro Jockey Club: Histórias de Porto Alegre, p. 45, em agosto de 2018, em visita ao atual Jockey Club no Bairro Cristal.

Figura 5 - Hidráulica dos Moinhos de Vento, década de 1920. Hidráulica dos Moinhos de Vento no primeiro quartel do século XX, década de 1920, Doação de Condessa Gisela Bastian Pinto Ribeiro.



Fonte: Acervo digital da Fototeca Sioma Breitman.

Figura 6 - Hidráulica dos Moinhos de Vento, década de 1920. Hidráulica dos Moinhos de Vento no primeiro quartel do século XX, década de 1920, Doação de Condessa Gisela Bastian Pinto Ribeiro.



Fonte: Acervo digital da Fototeca Sioma Breitman.

Figura 7 - Rua Fernando Gomes, década de 1920.



Fonte: Acervo digital da www.prati.com –
Fotos Antigas de Porto Alegre, p.14.

O Moinhos de Vento tornara-se um bairro atrativo, que além de conter belas áreas verdes, estava localizado numa área de altura elevada, inatingível pelas cheias do Guaíba, que nos anos de 1926 e 1928, haviam alagando cerca de 100 quadras, forçando a saída de milhares de pessoas, tendo estas de abandonarem seus lares. Aos fins da década de 1920, jornais locais, como o *Correio do Povo*, faziam menção à febre de construções em Porto Alegre, destacando o Moinhos como o local preferido para a concepção de magníficos edifícios (BISSÓN, 2009, p. 31). A ênfase era a de se tratar de um ponto alto do qual se descortinavam belos panoramas em todas as direções da cidade.

Nesta época, um conjunto impressionante de requintadas mansões que ostentavam o ecletismo arquitetônico em voga – que misturava elementos do rococó ao neoclássico – passou a dar novo e imponente tom ao sítio do antigo Arraial de São Manoel. Ainda que nenhuma região de Porto Alegre pudesse ser considerada como única e exclusiva das famílias abastadas, o Moinhos de Vento superava a Avenida Independência – a qual havia perdido o posto de sítio dos palacetes ainda na primeira metade do século XX provavelmente em consequência do esvaziamento do centro da cidade – e a Rua Duque de Caxias em termos de riqueza e, na metade dos anos 1930, já não teria rival na sua posição de o “mais aristocrático da cidade”, onde predominavam as casas com misturas de estilos, fazendo menção às mais variadas escolas arquitetônicas (BISSÓN, 2009, p. 31-32).

Figura 8 - Avenida Independência, década de 1910. Palacetes da Avenida Independência no primeiro quartel do século XX, entre 1900 e 1910, autor desconhecido



Fonte: Acervo digital da Fototeca Sioma Breitman. Doação de desconhecido.

Figura 9 - Avenida Independência, década de 1910. Cartão postal enviado à Itália no primeiro quartel do século XX, entre 1900 e 1910



Fonte: Acervo pessoal de Ricardo Eckert, digitalizado e disponível na rede em Amigos do Patrimônio Histórico – Porto Alegre.

2 O PERFIL DOS MORADORES

A Porto Alegre na qual o Moinhos de Vento emergiu como bairro de abonados era muito pequena e regiões que hoje abrigam famílias de renda alta como os bairros Bela Vista e Mont’Serrat, eram naquela época semidesérticas e refúgio de populações pobres, constituídas pelos empregados dos ricos que habitavam o Moinhos. O perímetro da cidade ainda era consideravelmente diminuto em comparação à segunda metade do século e toda a região que envolve o Bairro Três Figueiras e as Avenidas Carlos Gomes e Nilo Peçanha ainda era apenas um grande descampado. Bairros como Cidade Baixa e Menino Deus ainda eram a escolha de algumas famílias abastadas, nas proximidades da Av. Getúlio Vargas, limite urbano daquela outra parte da cidade.

Bissón afirma que além dos grupos alemães e teutônicos, os pecuaristas e fazendeiros de ascendência portuguesa foram outro grupo da alta sociedade que se instalou no Moinhos ainda nas primeiras décadas do século XX (BISSÓN, 2009, p. 25). Eles começaram a chegar pouco antes da eclosão da Revolução de 30, num processo que se estenderia até o final dos anos 1950. Estes eram então a classe dirigente do Rio Grande do Sul, cujos sobrenomes circulavam na sociedade gaúcha já havia quase um século, e muitos deles pertenciam a famílias cujos antepassados haviam enriquecido no início do império - anos 1820 -, enquanto outros alegavam descender dos primeiros açorianos estabelecidos no Rio Grande do Sul, ainda no século XVIII.

Estes dois grupos diferenciados em termos de origem, atividade e mentalidade tinham algo em comum: ambos possuíam alto poder aquisitivo. Enquanto na maioria das residências construídas nas já consolidadas Avenida Independência e na Rua Duque de Caxias não era possível instalar certos requintes como grandes garagens, piscinas e jardins frontais, nos amplos terrenos disponíveis no Moinhos de Vento, fazia-se possível o uso dos mesmos, diferenciando-o das outras duas vias que abrigavam a elite. Como os grandes industriais, comerciantes e fazendeiros possuíam um estilo de vida inacessível à maior parte da população, sua presença conjunta no Moinhos de Vento consolidou a mística “aristocracia” da região (BIS-SÓN, 2009, p. 31). Os abastados foram os responsáveis pela formação do que era considerado um “perfil europeu”, que pensavam eles, os diferenciava do resto do Brasil.

Figura 10 - Morro Ricaldone, década de 1950. Palacetes do Morro Ricaldone na década de 1950, na divisa do Moinhos com o Floresta – 1953. Autoria atribuída a Leo Guerreiro e Pedro Flores.



Fonte: Acervo digital da Fototeca Sioma Breitman, doação de desconhecido.

Durante esse período - de crescente ocupação do bairro por famílias ricas e tradicionais -, o Moinhos de Vento ainda conservava vestígios de miséria, muito provavelmente resquícios da época em que ali existia o antigo Arraial São Manoel. Na Rua Tobias da Silva, por exemplo, havia alguns casebres no trecho entre Félix da Cunha e Doutor Timóteo e a existência de moradores que ainda viviam em condições sanitárias consideradas “preca-

ríssimas” por Bissón (BISSÓN, 2009, p. 43), uma vez que a falta de saneamento dessas moradias exigia a presença dos cubeiros no bairro, o que já não era mais comum em outras regiões urbanizadas na cidade. A função desses servidores municipais era recolher os cubos de madeira envernizada repletos de fezes e substituí-los nas latrinas por outros. Os caminhões trazendo os cubeiros só desapareceriam do Moinhos na década de 1940.

A década de 1930 marcou um período de ascensão do Moinhos de Vento como sendo o primeiro centro residencial das famílias abonadas na cidade e a contínua instalação de palacetes evidenciava cada vez mais este fato. Ainda inserido no contexto do bairro, na Rua Doutor Vale, havia um conjunto de belíssimas mansões onde residiam importantes nomes da alta sociedade da época, como um dos proprietários da Cervejaria Continental, Bernardo Sassen Jr. Enquanto a Continental, resultado na fusão de três empresas (Bopp, Sassen e Ritter) seria até os anos 1940 - quando foi adquirida pela Brahma - a maior cervejaria do estado, a casa de seu dono era uma das que tinha estrebarias nos fundos, uma vez que ele criava cavalos - por lazer, não para competir. Volta e meia seus caminhões com os equinos circulavam pelo Moinhos (BISSÓN, 2009, p. 44).

Figura 11 - Rua Doutor Vale, década de 1920. Casarões na Rua Dr. Vale entre os anos 1920 e 1930



Fonte: CD-ROM “Porto Alegre - Um Século em Fotografia”, Editora da ULBRA 1997-2007 por Ronaldo Marcos Bastos.

A linha de expansão da burguesia que culminou na formação do Bairro Moinhos de Vento – vinda da Av. Independência - ainda se consi-

derava uma região que abrigava a elite. O novo bairro estava então no auge de sua ocupação urbana, e o impacto causado no cenário urbano porto-alegrense devido àquela esplêndida passarela de mais de um quilômetro de mansões - que constituía a Avenida Independência, como define Bissón (BISSÓN, 2009, p. 44) - ainda estava muito presente no contexto geral da cidade, era vivo demais para se desvanecer de uma hora para outra.

Durante a primeira metade do século XX, foi rápida a evolução do Bairro Moinhos de Vento até se tornar referência. Visto como um local excelente para se viver, era considerada a área mais segura da cidade, e nem se pensava que pudessem ocorrer assaltos ou crimes mais violentos em suas ruas (BISSÓN, 2009, p. 66). As famílias lá residentes dispunham de um contingente de criados, em uma época em que a lei não concedia ao trabalho doméstico, os mesmos direitos que o vínculo com empresas garantia, facilitando a contratação numerosa de empregados. Estes, em sua maioria, costumavam viver nas redondezas dessa zona e, quando tinham casa própria, era vantajoso para seus patrões que residissem na chamada “bacia” – a parte baixa do Morro do Mont’Serrat, que se encontrava com o bairro Auxiliadora, região vizinha do Moinhos de Vento, que na época era habitada por uma população predominantemente negra.

O bairro não era constituído apenas de milionários que moravam em palacetes com artefatos importados da Europa, pois havia também uma numerosa classe média alta. Esta classe, já não tão abastada, ocupava o que na época se chamava de “corredores de casas”, constituído de um agrupamento de residências idênticas e grudadas umas nas outras, o que conhecemos por casas em fita. Quem tinha recursos investia na compra dessas moradias geminadas com o objetivo de alugá-las, e muitas delas ainda existem pelas ruas do atual Moinhos de Vento (BISSÓN, 2009, p. 74).

2.1 Moinhos: o bairro da hípica

O antigo Arraial São Manoel deixara erguida até os anos 1940, a igreja que lhe deu origem, e conseqüentemente configurou um dos núcleos iniciais do bairro. Localizada em frente à Praça Maurício Cardoso, a igreja foi sendo abandonada pela Cúria, e com o passar dos anos passou a ser usada por meninos para jogar futebol naquele terreno, usando a porta da igreja como goleira. Por fim, ela foi fechada.

Enquanto o bairro crescia e desenvolvia ao seu redor a instalação irregular de um contingente de populações menos abastadas, o principal esporte apreciado pela numerosa elite da região seguia sendo a prática do turfe. Com a aproximação das classes mais baixas que passavam a habitar

em massa os bairros adjacentes como o Floresta, o qual receberia o proletariado que servia às indústrias que ali expandiam-se no eixo norte, a baixada do morro Mont'Serrat, que abrigava uma numerosa população de afrodescendentes e ainda os novos bairros Rio Branco e Auxiliadora, onde construíam aqueles que apreciavam a região e não possuíam recursos suficientes para comprar os terrenos de altos preços do Moinhos.

A vinda de novas classes popularizou o desporto do turfe na região, e a prática da aposta no cavalo vencedor passou a ser o sonho de muitos que necessitavam dinheiro extra. Nos finais de semana dos anos 1950, acontecia uma enorme e incomum circulação de pessoas pelo bairro, muitas delas chegando de carro ou de bonde e dirigindo-se apressadamente para a 24 de outubro. O motivo dessa agitação eram as corridas de cavalos no Hipódromo do Moinhos de Vento. Todo esse interesse popular, porém, não era motivado por questões puramente esportivas, e sim pelo almejo ao ganho de dinheiro fácil e na base da sorte.

Figura 12 - Vista do Bairro Floresta, década de 1920. Bairro Floresta em expansão com a Cervejaria Bopp ao fundo, fotografado do Morro Ricaldone, no Moinhos de Vento.



Fonte: Acervo Digital da Fototeca Sioma Breitman, Edição de José Regina.

Figura 13 - Vista do Bairro Floresta, década de 1920. Bairro Floresta em expansão na década de 1920, fotografado do Morro Ricaldone, no Moinhos de Vento.



Fonte: Acervo Digital da Fototeca Sioma Breitman, Edição de José Regina.

Figura 14 - Corrida no Hipódromo Moinhos de Vento. Corrida de cavalos no Hipódromo dos Moinhos de Vento, ao fundo a Rua Mostardeiro. Data não especificada.



Fonte: Fotografia da autora sobre o livro Jockey Club: Histórias de Porto Alegre, p.51, em Agosto de 2018, atual Jockey Club no Bairro Cristal.

Os recursos advindos das apostas nos cavalos eram tão grandes que mantiveram a pujança do Jockey Club do Rio Grande do Sul durante décadas. Além disso, os jornais dedicavam uma página diária ao Turfe, e as rádios Gaúcha e Difusora transmitiam os páreos – o que realimentava o interesse no assunto (BISSÓN, 2009, p. 127).

A Protetora do Turfe havia sido comprada pelo Jockey Club ainda nos anos 1940, e este passou a administrar e coordenar as atividades do único hipódromo ainda existente na cidade. Segundo Bissón (BISSÓN, 2009, p. 128):

O público era tão grande no Prado que o número de bondes estacionados na Rua 24 de Outubro fazia uma fila de 300 metros de comprimento, em que somente um número considerável de carros da Cia. Carris conseguiria carregar sem transtornos à multidão de aficionados que saía dos pavilhões de madeira pintados de branco e vermelho do Jockey Clube após o final das corridas.

Figura 15 - Linha do Bonde na Rua 24 de Outubro, década de 1950.



Fonte: Acervo Digital da Fototeca Sioma Breitman.

Figura 16 - Hipódromo dos Moinhos de Vento, década de 1950.



Fonte: Fotografia da autora sobre o livro Jockey Club: Histórias de Porto Alegre, p. 50, em Agosto de 2018, atual Jockey Club no Bairro Cristal.

Figura 17 - Hipódromo dos Moinhos de Vento, década de 1950.



Fonte: Fotografia da autora sobre o livro Jockey Club: Histórias de Porto Alegre, p. 54, em Agosto de 2018, atual Jockey Club no Bairro Cristal.

Figura 18 - Hipódromo dos Moinhos de Vento, década de 1950. Ao fundo o pavilhão na margem com a Rua 24 de Outubro e posteriores construções.



Fonte: Fotografia da autora sobre o livro *Jockey Club: Histórias de Porto Alegre*, p. 55, em Agosto de 2018, atual Jockey Club no Bairro Cristal.

2.2 NOVOS PLANOS DE URBANIZAÇÃO: A SAÍDA DO PRADO

Após a década de 1940 os efeitos do pós-guerra e a evolução das tecnologias de construção acentuaram as rígidas mudanças no padrão de conceito de cidade, oriundas ainda da segunda metade do século XIX, com a transformação do espaço público e a verticalização². A disseminação da construção em concreto armado altera significativamente a configuração do ambiente urbano e o entendimento do mesmo enquanto cidade.

Com o impulsionado crescimento urbano, as instalações do velho Prado viam-se acanhadas para atender às necessidades dos turfistas e o esporte deixou de estar inserido em local adequado. Outro fator relevante é que a Saúde Pública impugnava a presença de cocheiras em meio a bairros residenciais cada vez mais populosos, forçando a transferência da sede existente.

² Entende-se por verticalização o processo de construção em altura – o edifício alto, ou seja, a multiplicação do solo urbano permitida pelo avanço tecnológico da segunda metade do século XIX, pelo desenvolvimento das técnicas construtivas das estruturas de aço e de concreto armado e pelo aparecimento do elevador. (ALMEIDA, 2004).

Figura 19 - Cocheiras do Hipódromo dos Moinhos de Vento. Singela construção que abrigava as cocheiras, por onde atualmente passa a Rua Comendador Caminha.



Fonte: Fotografia da autora sobre o livro Jockey Club: Histórias de Porto Alegre, p. 48, em Agosto de 2018, atual Jockey Club no Bairro Cristal.

Figura 20 - Cocheiras do Hipódromo dos Moinhos de Vento.



Fonte: Fotografia da autora sobre o livro Jockey Club: Histórias de Porto Alegre, p. 46, em Agosto de 2018, em visita ao atual Jockey Club no Bairro Cristal.

Além das questões sanitárias, especialmente na década de 1930, com o Prefeito José Loureiro da Silva no poder, o incentivo à requalificação de espaços e remodelação da malha urbana da cidade levou-o à contratação do arquiteto Arnaldo Gladosch para elaborar, a partir de 1937, o que seria o primeiro Plano Diretor de Porto Alegre, onde ilustrava pela primeira vez, uma área verde pública no terreno que até então seguia atendendo às instalações do Jockey Club.

O Plano Gladosch³ propunha também a realocação do Hipódromo para o novo bairro que estaria na região dos grandes aterros previstos, a nova promessa de um eixo urbano qualitativo para a zona sul da cidade: o Cristal.

Embora o anteprojeto de Gladosch tenha constituído a primeira representação oficial de que se tem conhecimento de um hipódromo na região dos aterros, a intenção de instalar as dependências do turfe no Cristal já vinha sendo discutida desde 1922, quando o então presidente do Jockey Club Rio Grande do Sul, Nestor Cavalcanti de Magalhães, pensou na mudança para outro local. (Memórias de Bairros: Cristal. 2003, p. 44)

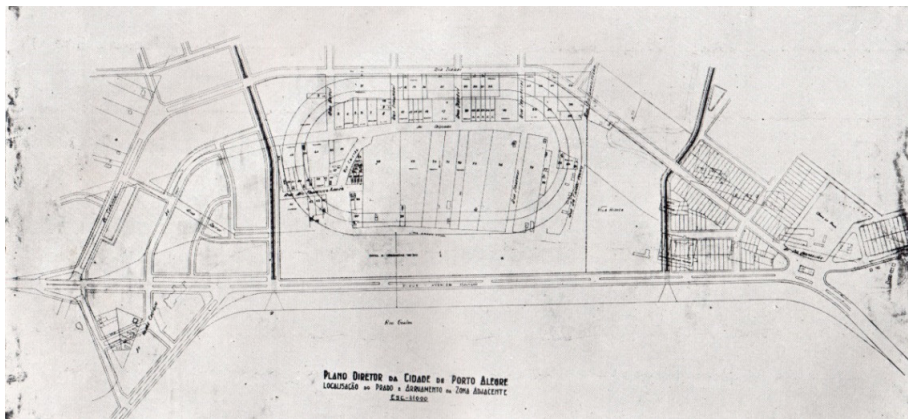
Figura 21 - Plano Gladosch, 1943. Anteprojeto do Plano Diretor da Cidade de Porto Alegre, por Arnaldo Gladosch, elaborado entre 1938 e 1943.



Fonte: Um Plano de Urbanização, de Loureiro da Silva, Publicado em 1943.

³ Plano Gladosch: O arq. Arnaldo Gladosch elaborou quatro etapas de um projeto que seria considerado o primeiro Plano Diretor da cidade de Porto Alegre. Dentre estas quatro etapas propunha o deslocamento do Antigo Prado para uma nova área a qual propunha aterrar às margens do Guaíba, na zona sul da cidade de Porto Alegre. (CANEZ, 2006).

Figura 22 - Plano Gladosch, 1943. Anteprojeto do Plano Diretor da Cidade de Porto Alegre, por Arnaldo Gladosch, elaborado entre 1938 e 1943. Projeto de realocação do Hipódromo dos Moinhos de Vento para a zona sul da cidade.



Fonte: Um Plano de Urbanização, de Loureiro da Silva, Publicado em 1943.

A diversificação das ofertas de jogos de azar e das formas de lazer e entretenimento, que se tornou crescente ao longo das décadas, juntamente com o afastamento do hipódromo da área central da cidade, fez com que as corridas de cavalo passassem a perder paulatinamente seu apelo popular. Pode-se dizer que a fase de ouro do Jockey Club do Rio Grande do Sul aconteceu enquanto o seu espaço físico estava localizado no central e acessível Bairro Moinhos de Vento (BISSÓN, 2009, p. 122).

O centro turfístico da cidade, logo tornando-se acanhado, obrigou o Jockey Club do Rio Grande do Sul a procurar novas instalações. Por empenho da imprensa, principalmente do jornalista Alberto André, do Rotary Clube de Porto Alegre Norte, dos vereadores Dr. Germano Petersen Filho, Marino dos Santos e Say Marques (TELLINI, 1982, p. 31).

Na década de 1940, os inconvenientes sanitários começaram a se acentuar, e a Hípica não era mais bem vinda naquele sítio, que durante a primeira gestão de Loureiro da Silva – 1937 a 1943 – havia recebido diversos melhoramentos como a pavimentação da Rua 24 de Outubro, de parte da Rua Mostardeiro, da travessa que hoje é a Rua Florêncio Ygartua e do trecho da Coronel Bordini que delimita o bairro. Além disso, Loureiro da Silva havia tratado de arborizar a Rua Mostardeiro por completo e o trecho da Quintino Bocaiúva que ladeava a Hípica, bem como iluminar a enxuta Comendador Caminha e instalar a rede cloacal do bairro inteiro, deixando de fora apenas o terreno do hipódromo.

Enquanto perdia-se o controle do crescimento urbano e a acelerada verticalização seguia contínua no eixo retilíneo originário do centro histórico, a insalubridade da hípica em meio a um bairro recém-requalificado passou a ser preocupação da população. A falta de jardins públicos na zona norte da capital também começa a ser apontada com mais frequência, especialmente para atender às populações de baixa e média renda, que se instalavam em crescente número no grande Bairro Floresta, o qual faz divisa com o pequeno Moinhos de Vento.

O 3º distrito estava em progresso e as instalações industriais em terrenos afastados do centro arrastavam consigo a população de trabalhadores que buscavam preços acessíveis e a proximidade do trabalho, ocasionando ao mapa de Porto Alegre uma nova mancha cinza, carente de pontos verdes. A falta de áreas verdes públicas disponíveis para o uso coletivo da população começava, assim, a ser discutida pelo poder público e a região do Bairro Moinhos de Vento passou a ser uma opção de escape.

A elite ali estava instalada, e com ela seus clubes e salões privativos, o bairro era novo, belo e higienizado, porém não havia onde se pudessem recrear livremente. A alta demanda de moradores no Bairro Floresta, trabalhadores das fábricas do 4º distrito, impulsionava a imprensa local à divulgação da carência do verde no mapa de Porto Alegre, pois a construção em massa impediu que ali houvesse mais espaço livre para a criação de praças ou parques. Os outros bairros adjacentes ao Moinhos de Vento estavam agora em fase de gentrificação⁴, com a valorização imobiliária gerada pela proximidade às mansões milionárias e ao comércio de alto padrão já estabelecido. As populações afrodescendentes e de renda mais baixa que habitavam a região do Mont’Serrat já estavam sendo empurradas pela linha de segregação urbana que se expandia na direção da terceira perimetral, trazendo às redondezas do hipódromo uma nova classe média, que também desejaria um parque nesta zona.

Tendo em vista a evolução urbana da cidade, os proprietários do Jockey Club do Rio Grande do Sul, preocupados com a inadequada localização do hipódromo, lançam um edital de concorrência internacional no ano de 1950 para todos os interessados em construir suas novas instalações. A vencedora foi a construtora Azevedo, Moura e Gertum que concorreu representando o anteprojeto do arquiteto uruguaio Román Fresnedo Siri, onde as novas arquibancadas eram dispostas em três pavilhões cobertos

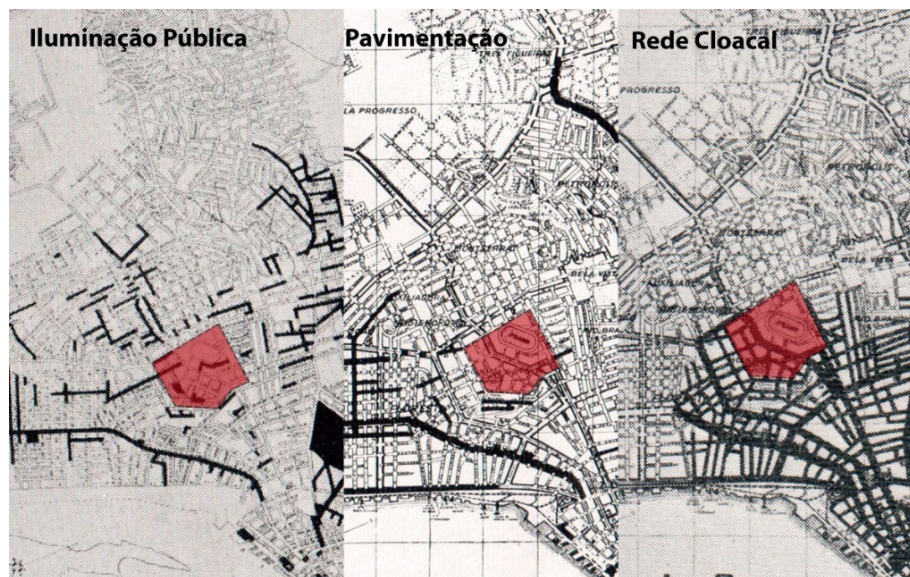
4 Gentrificação: o conceito cunhado pelo inglês David Harvey, e se deriva da palavra Gentry, o qual é um processo de transformação de centros urbanos através da mudança dos grupos sociais ali existentes, onde sai a comunidade de baixa renda e entram moradores das camadas mais ricas (HARVEY, 2013).

por imensas lajes de concreto aparente, sustentadas por tirantes metálicos. O modernismo arquitetônico encontrava naquela década seu momento de auge no Brasil, e Fresnedo consegue transcrever o purismo da materialidade em linhas modernistas com os acentuados balances das coberturas do Jockey.

Enfim, o novo projeto teve sua pedra fundamental lançada somente 23 anos depois do início de seu planejamento, o que segurou a sede do Jockey no Moinhos de Vento em função das grandes obras da cidade, que entre outros tramites legislativos e questões formais, adiavam a construção dos novos pavilhões de Fresnedo, projetados e calculados nas formas puras e bem delineadas da arquitetura modernista, representando para a cidade um símbolo deste movimento de vanguarda.

O hipódromo se manteve no Moinhos de Vento até 15 de Novembro de 1959, quando suas atividades no bairro foram oficialmente encerradas. Seis dias depois, o Jockey Clube do Rio Grande do Sul reiniciava as competições turfísticas na sua nova sede, um exemplar da arquitetura modernista localizada nos novos aterros feitos na orla do Guaíba. A obra modernista fazia parte de um planejamento estratégico para a região sul, com a promessa de urbanização e a intenção de preparar esta zona da cidade para a instalação de classes mais abastadas. Seus pavilhões tornaram-se referência arquitetônica, sendo considerada uma importante obra da arquitetura moderna de Porto Alegre, e seus edifícios foram tombados pelo Patrimônio Histórico e Arquitetônico do município no ano de 2005.

Figura 23 - Imagens de Um Plano de Urbanização, 1943. Graficação da autora sobre mapas das melhorias da cidade durante o governo Loureiro da Silva – 1937-1943, publicado em Um Plano de Urbanização. Em vermelho, os limites do que é o atual Bairro Moinhos de Vento.



Fonte: Um Plano de Urbanização, de Loureiro da Silva, Publicado em 1943.

Após a implementação no novo plano diretor, no ano de 1959⁵, o local passou a sofrer alterações significativas na malha urbana, uma vez que o novo limite territorial da cidade estava estabelecido às margens da Terceira Perimetral. Neste momento, a região do Moinhos de Vento passa a estar oficialmente no interior da cidade, e agora os limites do bairro estavam estabelecidos pela formalidade da lei. Localizado a leste do centro da cidade, possuía inicialmente 92 hectares e tinha como limites as mesmas ruas que tem atualmente: Mostardeiro, Coronel Bordini, Marquês do Pombal, Dr. Vale e a Travessa Carmen.

Nos primeiros anos da década de 1960, as transformações territoriais emergentes contavam com o desaparecimento do antigo depósito de bondes da Carris, situado na Rua 24 de Outubro esquina com a Rua Dr. Timóteo. O bairro já era conhecido pela tradição de pioneirismo em inovações urbanas quando foi erguida no local a primeira galeria comercial de Porto Alegre situada fora do centro da cidade, que recebeu a inédita denominação de *Shopping Center*, escolhido em função de ser o local de mais alta renda da cidade (BISSÓN, 2009, p. 157).

⁵ Plano Diretor de 1959: Primeiro plano diretor oficial da cidade de Porto Alegre, fixado pela Lei Ordinária 2.046.

Até a metade dos anos 1970, o bairro Moinhos de Vento ainda era essencialmente residencial, com alguns edifícios comerciais, que apesar de poucos, já estavam em pleno funcionamento. Escritórios de advocacia, arquitetura e consultórios médicos eram os serviços que predominavam nestas novas instalações. O crescimento do comércio diferenciado expandiu-se na região, trazendo uma tendência que seria dominante no futuro, com base em sofisticação. O Moinhos simboliza a tradição de pioneirismo, onde se estabelece a comercialização do produto ou serviço inédito, e aquele que está ingressando no mercado acaba por se destinar a um público de maior poder aquisitivo, o que segundo Bisson (BISSÓN, 2009, p. 175), passou a fazer do Moinhos cada vez mais, a sua vitrine privilegiada, através da qual se espalharia pela cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cidade de Porto Alegre teve sua evolução urbana acelerada na primeira metade do século XX, e a região onde está localizado o Bairro Moinhos de Vento foi uma das que mais se tornou urbanizada nesta época. Diversas foram as ocupações e equipamentos urbanos que o bairro recebeu ao longo dos anos, bem como melhorias e infraestrutura, melhorando suas condições físicas e tornando-o cada vez mais atrativo para populações de alta renda.

Além das instalações do Jockey Club, os terrenos do atual Parque Moinhos de Vento também sediaram parte do que seria o primeiro estádio futebolístico da cidade: a baixada do Grêmio e, além disso, ainda nas terras do bairro se instaram família muito ricas, as quais construíram mansões, elevando o valor imobiliário dos terrenos. O Moinhos de Vento ficou conhecido na primeira metade do século XX como o berço da aristocracia porto-alegrense por ser o local preferido de instalação das famílias mais abastadas.

Sem dúvida, o Bairro Moinhos de Vento conta com uma variedade de equipamentos urbanos, construções e perfis de moradores em função de ter recebido vários públicos de culturas distintas ao longo das décadas estudadas. Embora todos estes colonizadores tenham em comum o alto poder aquisitivo, seus costumes, gostos e interesses diferenciados trouxeram ao bairro a diversidade urbana que este mantém até os dias atuais.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. S. de. *Transformações Urbanas: Atos, Normas, Decretos, Leis na Administração da Cidade – Porto Alegre 1937/1961*. 2004. 301 f. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação – Estruturas Ambientais e Urbanas), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004
- BISSÓN, Carlos Augusto. *Moinhos de Vento: histórias de bairro de Porto Alegre*. Porto Alegre: Editora da Cidade, 2009.
- CANEZ, Ana Paula Moura. *Arnaldo Gladosch: o Edifício e a Metrópole*. 2006. 594 f. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Arquitetura), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.
- CD-ROM. *Porto Alegre - Um Século em Fotografia*. Porto Alegre: Editora da ULBRA, 1997. Copyright © 1997- 2007 Ronaldo Marcos Bastos - Todos os direitos reservados.
- HARVEY, David. *The New Imperialism*. Oxford University Press. 2013
- PORTO ALEGRE. Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal do Meio Ambiente – 10 Anos do Parque Moinhos de Vento, 1982.
- REVISTA do Instituto Histórico e Geográfico do RS, Porto Alegre, Edição 148, 2014.
- REVISTA História Ilustrada do Grêmio, número 2, Edição Especial, 1910/1918.
- SILVA, Loureiro da. *Um Plano de Urbanização*. Porto Alegre: Prefeitura Municipal de Porto Alegre, Editora Globo, 1943.
- TELLINI, Maria Angélica. *Moinhos de Vento: os 10 anos de um parque na história de Porto Alegre*. Porto Alegre: Secretaria Municipal do Meio Ambiente; Sul Brasileiro Crédito Imobiliário S/A, 1982.
- VILLAÇA, Flávio. *Espaço Intra-Urbano no Brasil*. São Paulo: Estúdio Nobel, FAPESP, Lincoln Inst, 2001.
- WERNER, Gilberto Domingues. *Moinhos de Vento: Memória e Reconhecimento*. Porto Alegre: Editora do Autor, 2014.

FONTES PRIMÁRIAS E ACERVOS DIGITAIS

Arquivo Histórico Moysés Vellinho
 Blog Grêmio Esportivo Olímpico
 Fototeca Sioma Breitman
 Jockey Club do Rio Grande do Sul

Museu de Porto Alegre

Submetido em 11/01/2021

Aceito em 27/08/2021